

As três paixões da Alexandrina

FERNANDO SILVA

Contemplei, certa vez, um quadro enternecedor, numa das capelas da Sé de Braga. A mãe, com o filho nos braços, rezava diante do crucifixo: rosto de sofrimento, corpo ensanguentado, mãos e pés imobilizados no madeiro por três rudes cravos.

A criança, que não ultrapassaria os três anos de idade, olha para aquela cena sem nada entender, e interpreta-a com a sua mentalidade inocente.

Em determinada altura, pensando que poderia fazer alguma coisa, volta-se para a mãe e suplica: «Mãe, tira-lhe os cravos, que eu não lhe chego!»

Esta frase simples, pronunciada por um menino de tenra idade, pode resumir a vida da Alexandrina, dominada por três Amores: Jesus Cristo na Eucaristia, Maria Santíssima e a conversão dos Pecadores.

Queria acabar com o sofrimento de Jesus, especialmente com o abandono dos Sacrários e frieza e indiferença com que os cristãos passam diante deles.

Implorava à mãe em cujo regaço estava. Dirigia-se à mãe da terra, mas é impossível que a Mãe do Céu o não tenha escutado com a ternura de um sorriso.

No gesto de querer descravar Jesus, pede que lhe tirem os cravos. Numa linguagem que há-de repetir muitas vezes, a Alexandrina faz um pedido a todos nós, pecadores: «Não pequem mais! Não ofendam mais a Nosso Senhor!» Comovedora é a mensagem que pediu gravassem na sua lápide: «Pecadores, se as cinzas do meu corpo podem ser-vos úteis para vos salvar, aproximai-vos, passai sobre elas, calcai-as até que desapareçam, mas não pequeis mais, não ofendais mais o nosso Jesus!»

Pecadores, tantas coisas queria dizer-vos! Não me chegaria este grande cemitério para escrevê-las todas.

Converti-vos! Não ofendais a Jesus, não queirais perdê-Lo eternamente! Ele é tão bom!

Basta de pecar!
Amai-O! Amai-O!»

O Senhor dá-Se a conhecer aos homens por meio das criaturas. Seria muito superficial a nossa visão do mundo se, para além das pessoas, não vislumbrássemos as maravilhas de Deus.

Esta verdade elementar torna-se mais evidente na vida do santos. A Alexandrina de Balasar foi, a partir de um momento da sua vida na terra, um milagre permanente de Deus.

Balasar, terra abençoada pela cruz

Balasar, uma pequena aldeia da Póvoa de Varzim, tornou-se famosa no mundo pela vida da Alexandrina Maria da Costa.

Num pequeno planalto, diante da igreja paroquial, aí por 1832, apareceu desenhada no solo, de modo inexplicável, uma grande cruz.

A primeira reacção de quem presidia aos destinos espirituais daquela terra foi de natural desconfiança: se alguma mão oculta a tinha feito aparecer ali, com que finalidade actuara? Tanto mais que os ventos não corriam favoráveis à vida da Igreja em Portugal. Apenas dois anos depois, foram expulsas do nosso país todas as ordens e congregações religiosas e encerrados os conventos.

Varrendo a terra e lançando-lhe água repetidas vezes, e até cal viva, nada mais tinham conseguido do que torná-la cada vez mais visível e de cor diferente.

Foi, então, construída nesse mesmo ano, uma humilde capela para a defender das intempéries e de mãos profanas.

Fundou-se uma Confraria, com a finalidade de promover uma festa solene da Santa Cruz de Balasar. Manifestou-se durante bastantes anos uma afluência notável de piedosos devotos e curiosos. Com o decorrer do tempo, o entusiasmo foi arrefecendo, e a capela fechou as suas portas, guardando ciosamente o seu tesouro.

A partir do aparecimento da cruz, o lugar passou a ser denominado Calvário. Para muito perto, e ainda dentro do mesmo lugar, veio morar a Alexandrina com a mãe e a irmã, quando a Maria Ana comprou ali uma casa.

Em 5 de Dezembro de 1947, durante um êxtase, o Senhor disse à Alexandrina: «És Minha vítima, a quem confiei a mais alta missão (a conversão dos pecadores). E como prova disso, atende bem o que te digo, para bem o saberes dizer: «Quase um século era passado que Eu mandei a esta privilegiada freguesia a cruz para sinal da tua crucifixão. Não a mandei de rosas porque as não tinha, eram só espinhos, de ouro, porque esses, com pedras preciosas, serias tu com

as tuas virtudes, com o teu heroísmo a adorná-la. A cruz foi de terra, porque a mesma terra a preparou.

Estava preparada a cruz; faltava a vítima, mas já nos planos divinos estava escolhida: foste tu. O mal aumentou, a onda de crimes atingiu o auge, tinha que ser a vítima imolada. Vieste, foi o mundo a crucificar-te. Foi a maldade humana a preparar-Me a Minha, e a mesma maldade preparou a tua; oh!, como são grandes os desígnios do Senhor! Como são grandes e admiráveis na Minha sabedoria infinita; que encantos eles têm! Poderia Eu assemelhar-te mais a Mim? Desta cruz, desta imolação tive dois proveitos: o amor à cruz, o amor à Minha imagem crucificada e a grande reparação.»¹

Em hora feliz, o P. Humberto Pasquale, segundo director espiritual da Alexandrina, mandou-a escrever uma *Autobiografia* e prestar-lhe contas por escrito, da sua vida espiritual, ao menos de quinze em quinze dias. Ditando o texto, ora à sua irmã Deolinda, ora à professora Maria da Conceição Proença, — tratada familiarmente como Çãozinha —, ora escrevendo ela própria, com enorme dificuldade, a Alexandrina cumpriu religiosamente esta indicação.

Durante os *êxtases*, a irmã e esta amiga escreviam as suas palavras. Quando a doente voltava a si, liam-lhe o que haviam escrito, e ela corrigia palavras e pontuação. Curiosamente, muitas vezes desconhecia o significado das palavras que mandava escrever.

«O que se gravou nela, profunda e indelevelmente, são os factos da sua vida espiritual. Lembra até as datas e a hora.

Na correcção que ela faz dos *êxtases* da sexta-feira, nem as vírgulas lhe escapam. Experimentou-se usar construções pouco literárias, mas ela corrigia imediatamente: — “Jesus disse assim... Não é assim...”»²

Também um *Diário*, levado cuidadosamente enquanto lhe foi possível escrever ou pedir que o fizessem, dá conta da sua vivência interior.

Se juntarmos a abundante *correspondência* que nos deixou, não ficaremos admirados pela existência de cinco mil páginas à máquina, copiadas para o processo diocesano de Beatificação e Canonização.

É preciso ainda contar com numerosos e eloquentes testemunhos escritos sobre a Alexandrina, para termos completo o elenco das fontes.

¹ Humberto Maria PASQUALE, *Fátima e Balasar, duas terras irmãs*, ed. «Cavaleiro da Imaculada», 3ª edição, pp 25-26. Não deixa de ser curioso notar a coincidência com a biografia da Irmã Lúcia do Imaculado Coração de Maria, vidente de Fátima. Nasceu em 28 de Março, quinta-feira santa de tarde, de 1907, e foi baptizada dois dias depois, em sábado santo. Também Lúcia, a vidente de Fátima, foi baptizada no Sábado Santo de 1907.

² Humberto PASQUALE, *Eis a Alexandrina*, p. 232.

Merece também uma referência a qualidade dos seus escritos. «Não há dúvida: a gente pasma, ao ver uma donzela do campo, quase analfabeta, sem nunca ter frequentado agremiações nem lido obras de alta espiritualidade e literatura; entrevada mais de trinta anos e em absoluto jejum nos últimos treze anos e meio da sua existência, escrever ou ditar, sem prévio rascunho, tantos documentos de autêntico valor literário, ascético e até teológico, de uma tal interioridade que não é fácil igualar; e, sobretudo, manancial de luz abundante a revelar-nos eloquentemente o que é em concreto a vida mística da verdadeira alma vítima»³.

Esta fonte abundante de dados merece, no futuro, um tratamento mais pormenorizado.

I. Nascimento da Alexandrina e primeiros passos

A melhor cronista da sua vida é a própria Alexandrina, apenas com um senão: está sempre muito interessada em confiar-nos uma biografia de cores mais carregadas que a sua humildade lhe foi ditando.

«Eu chamo-me Alexandrina Maria da Costa, nasci na freguesia de Balasar, concelho da Póvoa de Varzim, distrito do Porto, a 30 de Março de 1904, numa quarta-feira santa e fui baptizada a 2 de Abril do mesmo ano, era então sábado de Aleluia.⁴»

Vivia-se nessa ocasião o Ano Santo de 1904, comemorando o 50º aniversário da definição dogmática da Imaculada Conceição. S. Pio X, que ocupava a Cátedra de Pedro em Roma, escrevera uma carta Encíclica a toda a cristandade — *Ad diem illum lætissimum* —, pedindo que a data fosse convenientemente celebrada.⁵

Braga celebrou festivamente nesse ano o centenário com a coroação da Imagem de Nossa Senhora do Sameiro, a 12 de Junho de 2004. Foi, pois, num clima de fervor mariano que a Beata Alexandrina abriu os olhos à luz deste mundo.

Resta acrescentar que, aquando do nascimento da nossa biografada, a mãe vivia com um irmão, no lugar de Gresufes. Aqui «viveu com sua mãe e irmã

³ Mariano PINHO, *No Calvário de Balasar*, p. 5.

⁴ *Autobiografia*, escrita por indicação do seu Director Espiritual em 1946. A edição particular destas notas, feita em Itália, não foi posta ao alcance do grande público. Citar-se-á *Autobiografia*, com referência ao livro de que foi retirada a citação.

⁵ S. Pio X, Carta Encíclica *Ad diem illum lætissimum*. Braga —Diocese a que pertencia e pertence a Alexandrina — celebrou jubilosamente esta data, e aproveitou a solenidade para coroar a imagem da Imaculada Conceição do Monte Sameiro, com uma coroa de ouro e jóias ofertadas de todo o país, inclusivamente da Rainha D. Amélia.

mais velha Deolinda Maria, em casa dos tios, todo o tempo da infância e alvares da adolescência, até que adquirindo sua mãe casa própria, no lugar do Calvário da mesma freguesia de Balasar, para aí se trasladaram.»⁶

Filiação e Baptismo

Foram seus pais António Gonçalves Xavier, falecido a 5 de Outubro de 1944, com 69 anos de idade (1875-+1944) e Maria Ana da Costa, nascida a 22 de Janeiro de 1877 e falecida em 24 de Janeiro de 1951, quatro anos antes da filha Alexandrina. Tinha completado, há dois dias, 74 anos de idade.

Baptizaram a recém-nascida quatro dias depois, a 2 de Abril, Sábado de Aleluia⁷ Deram-lhe como padrinhos um tio materno, chamado Joaquim da Costa e uma senhora de Gondifelos (V. N. de Famalicão) que fez questão de que a afilhada se chamasse, como ela, Alexandrina.

Maria Ana da Costa concebeu a Deolinda, de António Xavier que, entretanto, partiu para o Brasil, à procura de fortuna para — dizia — poder casar com ela.

António Xavier voltou à nossa terra uma segunda vez com a mesma promessa e regressou ao Brasil deixando a noiva com a Alexandrina Maria no ventre. Quando se tornou mãe da segunda filha, Maria Ana tinha 27 anos.

A partir daqui, abandonou definitivamente o sonho da fundação de uma família, pois achava que as promessas do namorado não eram fiáveis. De resto, bem sabia que gerar filhos fora do casamento era um pecado. Aceitou generosamente a dura cruz de enfrentar um ambiente agressivo contra a maternidade de solteira e a de sustentar e educar as filhas, com o trabalho das suas mãos, nos campos, como jornaleira.

Se alguém encontrasse motivo de escândalo no facto de a Alexandrina ter nascido nestas condições e que, portanto, não deveria ser proposta a sua causa de Canonização, citaria a frase de um jurista sensato: «Não há filhos ilegítimos; os pais, sim, podem sê-lo!»

Na verdade, a criança é chamada à vida sem que lhe seja pedida opinião sobre um assunto tão importante. Como poderíamos olhar para ela como uma intrusa, ou uma pessoa de categoria inferior? Merece, pois, o melhor acolhimento quem chega a este mundo, sejam quais forem os caminhos antes percorridos.

Por outro lado, as circunstâncias pelas quais uma mãe concebe uma criança fora do matrimónio não são dignas de louvor, como todos sabemos, embora

⁶ Mariano PINHO S. J., *No Calvário de Balasar*, p. 9.

⁷ Assim se denominava o Sábado Santo, antes da última reforma litúrgica.

necessitemos de um coração magnânimo para compreender um momento de fragilidade. Mas, uma vez concebido o filho, é um acto heróico aceitá-lo e resistir às tentações fáceis que tantas vezes levianamente se apontam como *solução*.

O Senhor há-de confidenciar-lhe, mais tarde, durante um êxtase, que a escolheu desde o seio materno. Isto não quer dizer que Deus aprove o pecado, mas que é tão maravilhosa a Sua bondade e onnipotência, que até o mal, uma vez cometido, sabe e quer transformá-lo num bem.

Para mais, a Maria Ana da Costa soube educar exemplarmente as duas filhas nas virtudes humanas e sobrenaturais, no temor de Deus, na devoção a Nossa Senhora, na delicadeza de consciência e numa piedade sincera, como o tempo veio a comprovar, e levou uma vida plena de caridade para com Deus e para com o próximo.

Daí em diante, até à sua morte, em 1951, — decorreram 47 anos — nunca mais se ouviu qualquer apreciação desfavorável à sua conduta. Pelo contrário: era aquela a quem todos recorriam em momentos de apuro, fossem económicos ou de doença, ou para receber um conselho sensato.

Mereceu a confiança do pároco até ao ponto de lhe entregar uma chave da igreja paroquial. Às cinco horas da manhã, de verão ou de inverno, a Maria Ana já se encontrava, sozinha, dentro da igreja. Aí rezava o Terço, fazia a Via-Sacra e meditava as verdades eternas. Às sete da manhã participava na missa paroquial, comungava e regressava apressadamente a casa para atender as filhas e partir depois para o duro trabalho do campo, como jornaleira.

Antes, porém, quero fazer o seguinte reparo: a facilidade com que a Alexandrina costumava enternecer-se perante as misérias alheias leva-nos a pensar que ela muito se assemelhava a sua mãe, a Sr.^a Maria Ana da Costa, mulher de grande coração, grande demais até, tão grande que a tornou sua vítima, com dano incalculável para a família.⁸

A mãe da Alexandrina tinha um coração bondoso, de tal modo que algumas vezes pessoas sem escrúpulos exploravam este ponto fraco, pedindo-lhe empréstimos de dinheiro que se tronaram em dívidas insolúveis, acabando por colocar a família em sérios apuros. «Dela, assim testemunha a Deolinda: «A caridade de minha mãe era conhecida de todos, a ponto que o pároco de então, P. Manuel de Araújo, disse: — Esta mulher, quando morrer, muita falta vai fazer à freguesia!

Com efeito, não havia doente na terra a cuja cabeceira não aparecesse logo minha mãe. Dar injeções, aplicar ventosas e até — embora muito lhe custasse — tirar urina e assistir aos partos. Vinham-na chamar mesmo de noite, e ela ia

⁸ Cf. Humberto PASQUALE, *Eis a Alexandrina*, p. 200.

porque tinha pena. Assistia aos moribundos, rezava-lhes as orações da agonia; vestia os mortos. Ao lado disto, sendo boa cozinheira, era chamada continuamente para refeições de sarrabulho, baptizados, casamentos, e mesmo para a residência paroquial por ocasião de pregações»⁹.

«A professora Maria da Conceição Proença resume tudo isto em «... uma vida dedicada à prática da caridade para com todas as pessoas necessitadas. Todos a conheceram como *mulher de coração grande*».

«E a própria Serva de Deus, na sua autobiografia, relembra as dolorosas consequências que à família trouxe a grande bondade de coração, da mãe: «Começámos agora (1933) a sofrer muito com a perda dos nossos bens. Nesse tempo, já a nada do mundo tinha apego; contudo, sofria amarguradamente por ver que tudo quanto possuíamos, não chegava para satisfazer as dívidas de que minha mãe era fiadora»¹⁰. Mais tarde, uma senhora caridosa, apercebeu-se da situação apertada em que esta família vivia e solucionou quase completamente o problema.

Mudança de habitação para o Calvário

Algum tempo depois, a mãe comprou uma casa no lugar do Calvário. Deste modo, foi habitar ali aquela que sofreria na carne e no espírito a Paixão do Senhor. Este nome (Calvário) designa uma pequena elevação de terreno onde se localiza a dita casa e ao qual já aludimos antes.

Como dirá o Senhor à Alexandrina mais tarde, durante um êxtase, esta cruz estava relacionada com a sua vocação de vítima.¹¹

Uma criança normal

A Alexandrina era uma criança cheia de vida, sorridente, serviçal, e manifestando alegria com os seus ditos infantis.

Gostava de pregar partidas inocentes e era corajosa: andava por cima das paredes, subia às árvores com facilidade, de tal modo que a mãe a designava por *mulher-rapaz*.

Ela mesma procurou lutar contra a timidez, para enfrentar a vida. Um caso típico é do de ter vencido o receio de entrar numa sala onde poucos dias antes estivera depositado um defunto seu tio.

⁹ Id. *ibid*.

¹⁰ *Autobiografia*, cit. por Humberto PASQUALE, *Eis a Alexandrina*, p. 200.

¹¹ «Era nesta Cruz que Eu desejava crucificar-te.».

Cometia as normais traquinices de infância, uma das quais a fez sofrer bastante e lhe deixou marcas no rosto até ao fim dos seus dias; caiu sobre uma tigela de barro cujos estilhaços a feriram no rosto com certa gravidade.

Pelo que diz respeito à caridade e piedade, seguia os passos da mãe. Ouvia confidências e dava bons conselhos, ajudava em tudo o que podia, lavava e vestia os mortos, velava-os, confortando a família e alimentou durante a vida uma grande compaixão pelos pobres, valendo a muitas necessidades.

Foi com a irmã para a Póvoa de Varzim — uma vez que em Balasar não havia escola feminina — mas não chegou a fazer qualquer exame, porque se demorou lá pouco tempo.

Participava com todo o entusiasmo na vida da paróquia, primeiro frequentando a catequese e depois alistando-se como catequista, ajudava na limpeza da igreja e arranjo dos altares e cantava no grupo coral com uma voz sonora e afinada que manterá até ao fim da vida.

Quando, já imobilizada no leito, deve ter sido este um dos maiores sofrimentos: o não poder participar nas celebrações.

Com piedade sincera

Manifesta já desde tenra idade uma piedade sincera e, sobretudo uma grande devoção a Nossa Senhora. Mas o que mais ressalta destas notas singelas é o suave perfume dessa florinha do campo que o Espírito Santo guardara para Si. Já pelos quatro anos amava a oração e deliciava-se a contemplar o céu estrelado.

«Não sei o que me atraía para lá — diz a Alexandrina —. Se nesta idade manifestava os meus defeitos, também mostrava o meu amor para com a Mãe do Céu e lembro-me com que entusiasmo cantava os versinhos a Nossa Senhora e até recordo o primeiro cântico que entoei na Igreja que foi: Virgem pura, tua ternura, etc. Gostava muito de levar flores às zeladoras que compunham o altar da Mãezinha.¹²»

As crianças, quando são formadas cuidadosamente, ajudando-as a combater as tendências para o mal e a fomentar o desenvolvimento das boas inclinações, são, em geral, mais transparentes à acção do Espírito Santo do que os adultos. Não são coibidas pelo respeito humano, nem alimentaram ainda suficientemente as forças que as inclinam para o mal.

Na Autobiografia, ela pormenoriza também o crescimento do gosto pela oração. «*Pelos quatro anos de idade... já amava a oração*» (*Autobiografia*). Dos seis anos disse: «Se nesta idade manifestava os meus defeitos, também mostrava o

¹² *Autobiografia*, cit. por Mariano PINHO S. J., *No Calvário de Balasar*, p. 10-11.

meu amor para com a Mãe do Céu e lembro-me com que entusiasmo cantava os versinhos a Nossa Senhora. Quando me encontrava com umas primas que moravam distantes, cantava com elas, pelos caminhos, a Ave-Maria». *Dos sete anos*: «À medida que ia crescendo, ia aumentando em mim o desejo da oração. Tudo queria aprender». E dos *nove anos*: «Pelos nove anos, quando me levantava cedo para ir trabalhar nos campos e quando me encontrava sozinha, punha-me a contemplar a natureza: o romper da aurora, o nascer do sol, o gorjeio das avezinhas, o murmúrio das águas entravam em mim numa contemplação profunda que quase me esquecia de que vivia no mundo».¹³

A Alexandrina recebeu uma educação cristã esmerada e viveu num ambiente piedoso, o que lhe facilitou deixar-se trabalhar pela graça. Em face disto não admira o que virá a escrever aos 31 anos, em 26 de Dezembro de 1935: «Desde que cheguei ao uso da razão, não me lembro de passar dia nenhum, sem que me lembrasse de Nosso Senhor; já aos quatro anos amava o trato com Deus: à medida que ia crescendo, ia aumentando em mim o desejo da oração.

«Tudo queria aprender. Ainda conservo as devoções da minha infância, como: Lembrai-vos ó puríssima Virgem Maria..., ó Senhora minha, ó minha Mãe... o oferecimento das obras do dia: ofereço-vos, ó meu Deus... oração ao Anjo da Guarda, oração a São José e várias jaculatórias.»¹⁴

Manifesta ainda, desde a infância, uma sensibilidade extraordinária às belezas da natureza, como ela própria escreve: «Pelos nove anos, quando me levantava cedo para ir trabalhar nos campos e quando me encontrava sozinha, punha-me a contemplar a natureza, o romper da aurora, o nascer do Sol, o gorjeio das avezinhas, o murmúrio das águas: entrava em mim numa contemplação profunda, que quase me esquecia que vivia no mundo.

Chegava a deter os meus passos e ficava embebida neste pensamento: O poder de Deus! E quando me encontrava à beira-mar, ó como me perdia diante daquela grandeza!

À noite, ao contemplar o céu e as estrelas, parecia esconder-me mais ainda para admirar as belezas do Criador! Quantas vezes no meu jardimzinho, onde hoje é o meu quarto, fitava o céu e escutava o murmúrio das águas, ia contemplando cada vez mais este abismo das grandezas divinas. Tenho pena de não saber aproveitar tudo, para começar nesta idade as minhas meditações.»¹⁵

Aflora já nesta vida incipiente o trabalho da graça, inclinando-a para o bem e para a virtude. Já pelos quatro anos amava a oração e deliciava-se a contemplar o céu estrelado.

¹³ *Autobiografia*, cit. Por Humberto PASQUALE, *Eis a Alexandrina*, p 185-186.

¹⁴ *Autobiografia*.

¹⁵ *Autobiografia*.

Ao conhecer esta faceta da Alexandrina, quem não recorda os Pastorinhos de Fátima, na eira do quintal dos pais da Lúcia, à noitinha, contando as estrelas e fazendo inocentes comentários ao céu estrelado?

Fez a primeira Comunhão na Póvoa de Varzim e recebeu o Sacramento da Confirmação administrado por D. António Barbosa Leão, Bispo do Porto.

II. Os primeiros passos de adolescente

Desde pequenina, dedicou-se generosamente às tarefas domésticas e à pronta ajuda aos necessitados.

Com cerca de nove anos, foi trabalhar como criada de servir para um lavrador que vivia perto da sua casa. A mãe impôs ao patrão sérias exigências: que a deixasse frequentar a catequese, vir passar os domingos e dias santificados a casa e não a sobrecarregar com trabalho superior às forças da sua idade.

Além da crueldade com que era tratada pelo patrão, desde os ralhos constantes às tarefas nocturnas, talvez a pequena tenha pressentido outras ameaças, como veio a evidenciar-se mais adiante.

Alexandrina falou com muita lealdade à mãe sobre as dificuldades encontradas e esta apressou-se a trazê-la para casa.

Trabalhava como jornaleira, com um ritmo e habilidade que levavam as pessoas que a contratavam a pagar-lhe um salário igual ao das pessoas adultas, atendia as canseiras domésticas e ajudava a vizinhança no que era necessário.

Sobrava ainda tempo para se divertir sadiamente, como naquele dia em que vestiu uma camisa de homem que a Deolinda estava a costurar e saiu para fora de casa, fazendo rir toda a gente com o seu bom humor.

A caminho do Calvário

Com cerca de treze anos, caiu desamparadamente de uma carvalheira onde subira, a fim de despegar ramos de hera, para sustento dos animais. Esta queda deixou marcas: causou-lhe dores prolongadas e criou-lhe dificuldades no andar.

Mas foi sobretudo um outro acontecimento que a levou a uma imobilidade completa no leito até ao fim da vida.

Era já um hábito da Alexandrina dar pouca ou nenhuma importância ao sofrimento. O levantar-se depressa depois da queda reflectiu mais esta atitude, do que as reais dores que, certamente, a atormentavam. A queda teve consequências e afectou, pela primeira vez, a sua coluna.

Podemos dizer que foi esta a primeira estação da sua subida ao Calvário. Começou a andar inclinada e caminhava com dificuldade. Ela mesma nos dá conta disso. Mas outro acontecimento a imobilizou no leito. Falaremos dele a seguir.

«Aos catorze anos e quatro meses deixei o trabalho para sempre, embora há meses trabalhasse com muito custo. Principiei a consultar médicos, coisa que me custava imenso. Eles tratavam-me de várias doenças.

A princípio tudo corria bem e todos tinham pena de mim e eu só sentia o desgosto dos meus males. Isto durou bem pouco tempo. As minhas melhores amigas, pessoas de família e até o próprio Pároco¹⁶ (já falecido) revoltavam-se contra mim. Chegavam a fazer caçoada de mim, do meu modo de andar, da posição que tinha na Igreja... Mas eu não podia estar doutra forma. O Senhor Abade dizia-me que eu não comia, porque não queria e se morresse que ia para o inferno. Quando me ia confessar, dizia-me também que o maior pecado era o de não comer. Estas palavras fizeram-me sofrer muito sozinha; com Nosso Senhor é que eu desabafava.

Quando ia de casa para a Igreja e desta para casa, olhava os montes em volta e pensava fugir e refugiar-me onde mais ninguém me visse; mas Nosso Senhor nunca me deixava fazer isto. Chorei tanto, tanto ao ver-me na situação em que me encontrava! Não me recordo bem do tempo que durou este sofrimento, mas sei que não chegou a um ano.¹⁷»

III. Virgem e Mártir

Qualquer pessoa com uma fé débil seria levada a pensar que os castigos de Deus perseguiram a Alexandrina. Dificilmente as pessoa vêem no sofrimento uma carícia do Senhor.

Esta jovem, levada pelo seu amor ao trabalho, com iniciativa e de espírito aventureiro, tinha já sofrido o acidente quando caiu desastrosamente da carvalheira, onde procurava colher ramos de era para alimentar os animais.

Opção pelo martírio, para não se macular

Entretanto, outro episódio concorreu para lhe agravar ainda mais a doença e pôr em foco o seu amor à pureza e à virgindade. Ela mesma nos descreve este

¹⁶ P. Manuel de Araújo (?).

¹⁷ *Autobiografia*.

incidente, com palavras simples, sem dramatismos, como se a sua atitude fosse normal e nada tivesse de extraordinário.

«Uma ocasião, estando eu, minha irmã e uma pequena mais velha do que nós a trabalhar na costura, avistámos três homens: o que tinha sido meu patrão, outro casado e um terceiro solteiro. Minha irmã percebendo alguma coisa e vendo-os seguir o nosso caminho, mandou-me fechar a porta da sala. Instantes depois, sentimos que eles subiam as escadas que davam para a sala e bateram à porta.

Falou-lhes minha irmã. O que tinha sido meu patrão mandou abrir a porta; mas como não tivessem lá obra,¹⁸ não lhe abrimos a porta. O meu antigo patrão conhecia bem a casa e subiu por umas escadas pelo interior da habitação e os outros ficaram à porta onde tinham batido. Ele, não podendo entrar por um alçapão que estava fechado e resguardado por uma máquina de costura, pegou num maço e deu fortes pancadas nas tábuas, até rebentar o alçapão, tentando passar por aí.

Minha irmã, ao ver isto, abriu a porta da sala e conseguiu escapar-se, apesar de a prenderem pela roupa. A outra pequena foi a segunda a fugir, mas essa ficou presa e eu ao ver tudo isto, saltei pela janela que estava aberta e que deitava para o quintal. Sofri um grande abalo, porque a janela distava do chão quatro metros: quis levantar-me logo, mas não podia, com uma forte dor na barriga. Com o salto caiu-me um anel que tinha no dedo sem dar por ele.

Cheia de coragem, peguei num pau e entrei pela porta do quintal para o eirado, onde estava a minha irmã a discutir com os dois casados. A outra pequena estava na sala com o solteiro. Eu aproximei-me deles e chamei-lhes cães! E disse: que ou deixavam vir a pequena ou então gritava contra eles. Aceitaram a proposta e deixaram-na sair. Foi nesta altura que dei falta do anel e disse-lhes de novo: seus cães! Por vossa causa perdi o meu anel. Um deles que trazia os dedos cheios de anéis disse-me: escolhe daqui. Mas eu toda zangada, respondi: não quero.

Não lhes demos mais confiança; eles retiraram-se e nós continuámos a trabalhar. De tudo isto não contámos a ninguém, mas a minha mãe veio a saber tudo. Pouco depois, comecei a sofrer mais e toda a gente dizia que foi do salto que dei. Os médicos também afirmavam que muito concorreria para a minha doença.¹⁹»

Este episódio não resultou apenas de um movimento instintivo, mas de uma virtude profundamente radicada na alma desta jovem. A Alexandrina, com

¹⁸ Quer dizer, qualquer encomenda de costura.

¹⁹ *Autobiografia*, cit. por Mariano PINHO S. J., *No Calvário de Balasar*, p. 22-23; *Autobiografia*, cit. por Mariano PINHO S. J., *No Calvário de Balasar*, p. 22-23.

a prudência que lhe ensinava o Espírito Santo, defendeu sempre a castidade com a oração, a mortificação e o pudor.

Já imobilizada no leito, só à Deolinda era permitido ajudá-la a lavar-se e mudar de roupa.

Um dos médicos que a tratou no princípio da sua doença afirmava ao P. Mariano Pinho: «Nunca vi donzela tão pudibunda».

«Tão delicada era ela no seu pudor — sinal de uma temperança a toda a prova — que se submetia aos exames clínicos com a mesma angústia de quem foi condenado ao martírio; e reagia com profunda amargura perante a enfermeira cínica que, na Foz do Douro, por sua iniciativa arbitrária, a descobria sem recato nenhum.

Mas há uma virtude, irmã da temperança, distinta e mais perfeita que a castidade: é a virgindade. Ela consiste no propósito firme de guardar perpetuamente a integridade do corpo e do coração. E a Alexandrina, desde muito nova — não conheço ao certo o ano em que iniciou essa prática — tinha por costume, nas orações da manhã, oferecer a Deus a sua virgindade por intermédio de Nossa Senhora.

Nas suas cartinhas à Mãe do Céu, aparece com frequência a seguinte frase: «Ofereço-Vos a minha castidade e a minha virgindade». Isto deixa transparecer que ela conhecia muito bem a distinção entre as duas virtudes. Tanto assim, que ratificou este seu amor pela virgindade com um voto particular.

Para fazermos uma ideia do freio a que submetia, movida por ímpeto interior, o corpo com todos os seus sentidos, bastará recordar a prontidão com que afastou aqueles que, por várias vezes, tentaram exprimir, com carícias, uma paixão escondida e a energia intransigente com que abafava quaisquer conversas impróprias que se tentasse manter na sua presença.

Aproxima-se a imobilidade no leito

A Alexandrina nunca se arrependeu do acto heróico praticado para defender o tesouro da graça. Mas o preço foi elevado, como testemunham a irmã e a Çãozinha. «Depois desta aflicção ainda foi andando, trabalhando sim, mas com grande sacrifício. O mal foi-se agravando e ela, não podendo já sofrer em silêncio, como o fez durante muito tempo, queixou-se a sua mãe. Esta tratou de a levar a farmacêuticos, julgando que a doença não era de gravidade, mas não colhendo resultados, foi consultar alguns médicos. Estes atribuíram o grande mal ao mau funcionamento do estômago e dos intestinos. Sujeitaram-na a tratamento rigoroso e com a dieta em que estive, abateu muito, a ponto de ir para a cama e aí estive umas três semanas.

«Depois sempre melhorou um pouquinho e foi para a Póvoa afim de continuar o tratamento. Mas vendo que pouco adiantava, foi ouvir a opinião

de outros médicos, entre eles o especialista do Porto, Dr. Abel Pacheco que a submeteu a um exame rigorosíssimo. Nesta ocasião a Alexandrina chorava muito com dores e com vergonha. O Sr. Dr. Abel Pacheco informou o médico assistente, que nessa ocasião era o Dr. Garcia, de que a doente não tinha cura. É claro que ela não sofreu este desgosto, porque a família soube encobri-lo.

«Passado algum tempo, acamou e assim esteve durante cinco meses, sem nunca se levantar para coisa nenhuma. Isto em 1922...

«Em Março de 1923, sofreu um desgosto grande: o da morte de sua avó. Nessa ocasião desmaiou muitas vezes; teve muita pena por não a ver depois de morta, mas como estava doente, resignou-se conforme pôde. Em Abril desse mesmo ano, principiou a levantar-se e chegou a sair de casa. Os seus primeiros passos foram à Igreja. Ainda chegou a cantar, principalmente nas ocasiões das festas. Com grande sacrifício o fazia, mas nessa altura o grupo das cantoras era muito pequeno e a voz dela fazia falta, porque cantava bem e pertencia ao grupo desde novinha.

«Andou a pé durante dois anos, sofrendo fisicamente muito. Continuou sempre em tratamento. Sabendo a mãe que não havia esperanças de a curar pelo médico que a tratava, pediu-lhe que consultasse outro que vivia perto da sua aldeia, para evitar despesas que tinha em a levar à Vila (Póvoa de Varzim). Com isto a Alexandrina desgostou-se muito, porque estava habituada com ele. A pedido de sua irmã e pessoas amigas, ela resolveu-se a mudar de médico.

«Depois do novo médico a ter examinado várias vezes, aconselhou a mãe a levá-la de novo ao Porto a outro especialista de nome, Dr. João de Almeida. E aí, depois de a examinar bem, o próprio médico assistente diagnosticou tratar-se de mal na espinha... Por isso é que ela não podia sentar-se nem ajoelhar-se. Em 14 de Abril de 1925, acamou para nunca mais se levantar».

«Aos dezanove anos acamei — escreve a própria Alexandrina — e desta vez não tive como da outra, quem me dissesse: — deixa passar algum tempo, que ainda virás a levantar-te. Nesta altura o médico do Porto, Dr. João de Almeida informou minha mãe de que temia que eu entrevasse».

Esta data, como é natural, ficou bem gravada na memória da Doente: mais tarde, a 13-IV- 1939, em carta ao director espiritual lemos: «é amanhã que faz 14 anos que estou na cama». E daí a um ano torna a lembrar o novo aniversário.

«A partir desta ocasião comecei a ter por enfermeira minha irmã, porque minha mãe ocupava-se em serviços do campo e minha irmã costurava. Tive momentos de desânimo, mas nunca desespere. Nada no mundo me prendia: só tinha saudades do meu jardimzinho, porque amava muito as flores. Algumas vezes fui vê-lo: matar saudades, ao colo de minha irmã...

«Como não consegui nada, morreram os meus desejos de ser curada para sempre, sentindo cada vez mais ânsia e amor ao sofrimento e de só pensar em Jesus.»²⁰

Os três estados de espírito na doença

Dizem as pessoas com experiência no trato com os doentes — médicos, sacerdotes, profissionais de enfermagem — que se verificam nos doentes em doença grave ou terminal, três fases sucessivas: um grande desejo de cura que, por vezes, torna as pessoas difíceis de atender, por causa da sua inconformidade; uma fase de indiferença e abandono, como quem ficou cansado da luta pela vida; e, finalmente, quando há formação espiritual, um abraçar da cruz da doença com grande resignação. Algo disto se passou com a Alexandrina.

«Aos 14 anos e 4 meses deixei o trabalho para sempre, embora há meses trabalhasse com muito custo. Principiei a consultar médicos, coisa que me custava imenso. Eles tratavam-me de várias doenças. A princípio, tudo corria bem, todos tinham pena de mim e *eu só sentia o desgosto dos meus males*. Isto durou bem pouco tempo. As minhas maiores amigas, pessoas de família e até o próprio pároco revoltaram-se contra mim. Chegaram a fazer caçoada de mim, do meu modo de andar, da posição que tinha na igreja... mas eu não podia estar de outra forma. (...)»²¹

»Felismina dos Santos Martins contou-me o seguinte: «No ano de 1937, em que a Alexandrina estava muito mal e parecia morrer, eu morava em casa dela. Nesses dias, uma mulher da terra, Joaquina Domingues dos Santos, mais velha do que a Alexandrina e que fora cantora como ela, pediu-me para eu lhe apresentar desculpas por ter falado às vezes contra ela, no período em que a mesma andava por seu pé e não comia pelo grande fastio.

Essa senhora era muito amiga do Sr. Abade (Padre Araújo), que, por sua vez, atormentava a Alexandrina dizendo-lhe que ela não comia porque não queria e que, se não comesse, ia para o inferno.

Dei o recado à Alexandrina e esta respondeu, muito calma, que ficasse tranquila, pois tudo estava perdoado».

Laurinda Maria da Silva, que também conheceu a Alexandrina neste período da sua vida, disse: «Lembro-me da Alexandrina já adoentada, quando vinha

²⁰ Mariano PINHO S. J., *No Calvário de Balasar*, p. 23-25.

²¹ Autobiografia, cit. por Humberto PASQUALE, *Eis a Alexandrina*, p 11-12.

à igreja. Por vezes, via-a sair da igreja por se sentir incomodada. Logo a seguir, voltava a entrar, tomava o seu lugar, toda encolhidinha com o seu mal».

E, ainda acerca deste mesmo período, a Deolinda lembra: «Havia umas raparigas, naquela altura bastante mais velhas do que ela, que, talvez pelo seu feitio, ridicularizavam a maneira de andar da minha irmã e a sua maneira de estar na igreja. Pensavam talvez que fosse mimo. Mas a minha mãe não era nada disso, de nos dar beijos e abraços».

Silenciosamente, subtilmente, a tentação do desespero e da revolta infiltrava-se por entre estas dolorosas provações, incitando a Alexandrina a fugir à cruz. Ela própria o confessou, atribuindo a vitória, exclusivamente, à graça de Deus.

A Alexandrina recolheu definitivamente ao leito, sem conhecimento de que ali ficaria para toda a vida. A sua coragem teve de ceder a uma paralisia. Ainda lutou contra a paralisia progressiva, correndo de médico em médico.

Notam-se então três atitudes sucessivas da «Doentinha de Balasar» contra esta imobilização.

Um desejo ardente de ser curada. Perante a ineficácia da medicina humana, a Alexandrina e a família voltam-se para o Céu. Fazem promessas e rezam intensamente.

«Cheguei a fazer algumas promessas para ser curada, como cortar rente o meu cabelo, que era para mim um grande sacrifício; dar todo o meu ouro e vestir-me de luto toda a minha vida; ir de joelhos desde a nossa casa até à Igreja. Minha mãe, irmã e primas fizeram também grandes promessas.

«Por fim, compreendi que a vontade de Nosso Senhor era que estivesse doente; deixei de pedir a minha cura. No decorrer dos anos estive várias vezes às portas da morte. Preparava-me com os últimos sacramentos; esperava a hora da morte resignada. Na medicina não tinha outro alívio senão uns pedacinhos de morfina que me injectavam».

(...) «Como me falassem dos milagres de Fátima e sabendo eu, em 1928, que várias pessoas iam à Cova da Iria, nasceram em mim desejos de ir também. O médico assistente e o meu Pároco não me deixaram, dizendo que era impossível ir para tão longe, se eu mal consentia que me tocassem na cama. O Sr. Abade dizia-me que pedisse aqui a minha cura e que depois iria a Nossa Senhora de Fátima agradecer tão grande graça. O médico prometeu passar o atestado, se o milagre se desse.

«Nesse ano, o Sr. Abade foi a Fátima e perguntou-me o que queria de lá? Pedi-lhe que me trouxesse uma medalhinha; mas ele ofereceu-me um terço, uma medalha e o Manual do Peregrino e alguma água de Fátima. Sua Rev. cia aconselhou-me a fazer uma novena a Nossa Senhora e a beber a água de Fátima com o fim de ser curada. Não fiz uma, mas muitas. Cantava muito e dizia às pessoas vizinhas que me visitavam, se um dia me vissem pelo caminho e me ouvissem cantar, era eu que ia agradecer a Nossa Senhora o benefício que recebia.

«Pensava que seria curada, mas enganei-me: era a minha grande confiança na Mãezinha e em Jesus que assim me fazia falar. Pensava: se for curada, vou logo, para religiosa, pois tinha medo de viver no mundo. Queria ser missionária para baptizar pretinhos e salvar almas a Jesus.

Ela quer mesmo inscrever-se numa peregrinação a Fátima, — como vimos — organizada pelo Pároco da freguesia, mas o único êxito obtido foi que rezariam na Cova da Iria pela sua cura.

«(...). Sua Reverência aconselhou-me a fazer uma novena a Nossa Senhora e a beber água de Fátima, com o fim de ser curada. *Não fiz uma, mas muitas...* Pensava que seria curada, mas enganei-me... Como não consegui nada, morreram os meus desejos de ser curada, e para sempre, *sentindo de cada vez mais ânsias de amor ao sofrimento e de só pensar em Jesus*» (*Autobiografia*).

«Aos 19 anos, acamei e, desta vez, não tive, como da outra, quem me dissesse: — Deixa passar algum tempo, que ainda virás a levantar-te! ... Tive *momentos de desânimo, mas nunca de desespero*. Nada ao mundo me prendia, só tinha saudades do meu jardimzinho, porque amava muito as flores. Algumas vezes fui vê-lo, matar essas saudades, ao colo da minha irmã. *Tinha muitas saudades do Jesus da nossa igreja* e, quando havia festas do Sagrado Coração de Jesus ou missas cantadas, eu *chorava amargamente*. Como era cantora, entristecia-me muito por ver ir a minha irmã, que também cantava, e eu ficar... A pouco e pouco, fui-me habituando à cama e fui perdendo todas as saudades».²² (*Autobiografia*).

O doloroso exercitar das virtudes, conseguido através de um completo domínio sobre si mesma, demorou alguns anos, mas foi persistente e triunfou. Durante este período surge-nos uma Alexandrina ainda tirocinante e com exigências de sabor humano. Ela própria o escreveu:

«Nos primeiros anos, *fazia por me distrair e até pedia que jogassem as cartas comigo, outras vezes, jogava sozinha*».

Ao ditar a sua autobiografia, já amadurecida na virtude,, a Serva de Deus comenta, com vivo arrependimento (1936-37.): «Tenho pena de não ter pensado desde o princípio como penso agora, de viver só unidinha ao meu Jesus».

A esta necessidade de procurar distrações terrenas juntava-se o desejo da cura: «Cheguei a fazer algumas promessas para ser curada... Minha mãe, irmã e primas fizeram também grandes promessas. Por fim, compreendi que a vontade de Nosso Senhor era que estivesse doente. Deixei de pedir a minha cura. No decorrer dos anos, estive várias vezes às portas da morte; preparava-me com os últimos sacramentos e esperava a hora da morte resignada»²³.

²² Ibid., p. 14.

²³ Ibid., pp. 12-13.

Abandono à situação em que se encontra. Cedo compreendeu que, naturalmente, não teria cura. Não se revolta contra a situação e procura passar o tempo o melhor que pode.

Na base desta «conformação», encontramos a devoção mariana, sem a qual, na vida da Serva de Deus, não poderemos explicar nenhum acto de virtude ou progresso na santificação.

Na sua Autobiografia, a Alexandrina indica-nos duas circunstâncias externas desta sua intimidade com a Mãe Celeste, circunstâncias que a introduziram de um modo, por assim dizer, repentino, na fase mais perfeita da conformação e vida unitiva, fase em que o Esposo Divino, atraído pelo encanto da sua alma angélica e pela generosidade do seu heroísmo, lhe revelará (primeiramente através de locuções íntimas, e depois por meio de visões) os Seus planos secretos de amor pessoal e a missão redentora em benefício de tantas outras almas.

E é quando uma alma «contempla dia e noite» a Mãe do Céu, que Ela pode trabalhar em profundidade e em altura para formar o santo.²⁴

Aceitação plena e amor à cruz. Na escola de Maria aprendeu a viver uma identificação progressiva com Jesus crucificado.

«Um dia, em que estava sozinha — escreve a Alexandrina na sua Autobiografia — e lembrando-me de que Jesus estava no sacrário, disse assim: Meu bom Jesus, Vós preso e eu também. Estamos presos os dois; Vós, preso para meu bem e eu, presa das Vossas mãos. Sois Rei e Senhor de tudo, e eu um verme da terra. Deixei-Vos ao abandono, só pensando neste mundo que é das almas a perdição. Agora, arrependida de todo o meu coração, quero o que Vós quiserdes e sofrer com resignação. Não me falteis, bom Jesus, com a Vossa protecção!» (*Autobiografia*).

Encontrado, finalmente, o verdadeiro caminho, a Alexandrina enceta-o com toda a alma. Aos seus olhos, logo surge a meta: o Calvário. É ao Calvário que ela tem de chegar para dividir, plenamente, os sofrimentos da Vítima Divina e contemplar a Sua Paixão. Eis a meta do itinerário espiritual da Alexandrina!

Na autobiografia, ela própria nos descreve o seu acto de doação total, mas afirma não saber como chegou a esta doação. Porém, nas últimas disposições relativas à sepultura, ditadas em 1942, revela-nos a identidade de Alguém que, sempre a seu lado, lhe serviu de inspiração, guia e amparo: «Quero também, ao cimo da campa, uma cruz e, junto dela, uma imagem da querida Mãezinha... A cruz é para sinal que a levei durante a vida e amei até à morte. A Mãezinha é para mostrar que foi Ela quem me ajudou a subir o caminho doloroso do meu calvário, acompanhando-me e amparando-me até aos últimos momentos da minha vida. Confio que assim será».²⁵

²⁴ Ibid., p. 14.

²⁵ Ibid., p. 14.

Uma cruz com a dimensão do mundo

A Alexandrina é como um diamante o qual, observado de qualquer lado, com a incidência do sol da graça, apresenta sempre belezas novas.

O Senhor não a poupou ao sofrimento. Sofreu as mais diversas incomodidades, além das dores físicas e morais:

– A imobilidade no leito, com todas as dores e inconvenientes. Certa vez dirá: No meu corpo não cabe a cabeça dum alfinete onde não tenha dores.

– As más línguas difamatórias, julgando-a uma trapaceira, por causa do jejum absoluto em que vivia, apenas alimentada pela comunhão diária. Isto levou-a a submeter-se a um sequestro de quarenta dias no Refúgio infantil do Porto (Foz do Douro) e a provas que humilharam a sua dignidade.

– Chegaram mesmo a duvidar da sua integridade moral, acusando-a de mau comportamento.

– Não faltou também, nesta conjuntura, a incompreensão da autoridade eclesiástica, com a proibição de visitas de sacerdotes e pedido para que dissuassem os fiéis de se deslocarem a Balasar.

– Chegou a ser ameaçada de ficar privada da sagrada comunhão.

– Foi para ela uma fonte de sofrimento a avalanche de vistas das muitas pessoas que passaram pelo seu quarto e a levavam ao limite de forças. Aconselhava, admoestava, pedia emenda de vida, e implorava a esmola da oração.

– Foi privada de Director Espiritual, nos momentos em que era maior a incompreensão à sua volta e necessitaria de ajuda moral.

– Deus permitiu ainda que fosse vexada pelo demónio e mesmo sofrido estados de autêntica possessão diabólica.

– Acumularam-se as dificuldades económicas, que a levaram à fome, ao frio, à falta de roupa digna para vestir e ainda ao risco de ficar sem casa.

«Agora, relembremos apenas a sua alegre suportaçãõ do frio, ao longo de doze anos, por falta de cobertores de lã. Martírio esse de que nunca se queixou, aceitando-o para mais de perto se assemelhar a Jesus-Pobre.²⁶»

É impressionante, a este respeito, o testemunho do P. Humberto Pasquale: «O que sempre mais me impressionou foi o testemunho da Deolinda e da professora Maria da Conceição Leite Proença acerca do frio padecido pela Serva de Deus durante cerca de doze anos, sem agasalhos e roupas de lã, sofrimento suportado em silêncio, com o sorriso nos lábios e notado apenas pelo carinho vigilante da irmã que muitas vezes foi acordada pelo estremecer da cama da Doente»²⁷.

²⁶ *Ibid.*, pp. 333-334.

²⁷ *Ibid.*, p. 320.

A esse respeito, citemos o que a Deolinda escreveu ao Rev. P. Mariano Pinho, em 10 de Outubro de 1935: «Aproveu a Nosso Senhor dar a cruz completa à Alexandrina porque, além dos sofrimentos físicos e do abandono em que Nosso Senhor a tem tido e continua a ter, também temos sofrido grandes aflições devido à situação (económica) em que temos vivido e que contávamos melhorar, mas grandes dificuldades apareceram de novo.

E a pobre Alexandrina, ao ver as nossas lágrimas e ao ouvir os nossos desânimos, faz por nos consolar e diz: Eu sei que Nosso Senhor queria que eu passasse por mais estas coisas! E murmurava: Ó meu Jesus, eu quero que o meu coração seja esmagado e angustiado, que vá à prensa das Vossas divinas mãos até esgotar-Vos todo o amor, assim como o cachinho vai à prensa para ser espremido, e como a azeitona para dar todo o azeite».

Que grande torrente de sofrimento jorrava para a igreja neste manancial de Balasar.

Surge no meio desta tempestade um homem providencial a quem presto a minha humilde homenagem: o Dr. Manuel Augusto Dias de Azevedo, médico, de Ribeirão. Com uma dedicação sem limites, homem de carácter, lutou contra todas as injustiças, e fez brilhar a verdade. Com a sua autoridade de médico, baniu todas as dúvidas sobre a autenticidade do jejum da Alexandrina, desfez os mal entendidos com a Cúria Arquiepiscopal de Braga e terá sido, talvez, o primeiro a acreditar na seriedade dos acontecimentos de Balasar.

Do quilate da sua caridade dá-nos testemunho a sua reserva de uma manhã por semana, no consultório de Ribeirão, para atender gratuitamente os pobres.

A Deolinda acrescenta ainda as suas palavras extraídas de uma carta datada de 21 de Agosto de 1944: «Se eu não estivesse certo, certíssimo da perseverança da Alexandrina, tinha passado uns dias na maior das amarguras, por ter um certo receio de que ela perdesse um pouco a coragem. A dor última foi tão aguda e o Sr. Abade deu-lhe a notícia de uma tal forma que, se a Alexandrina não fosse quem nós julgamos, caía no desânimo por horas ao menos. Assim, heroína como é, vence sempre com o seu Senhor»²⁸.

III. Dominada por três paixões

Uma vez retida no leito até ao fim da vida na terra, a Alexandrina é conduzida pelo Espírito Santo a viver generosamente entregue a três Amores, três Paixões que encheram a sua vida: A Santíssima Eucaristia, Nossa Senhora e os pecadores.

²⁸ Ibid., p. 318.

Mais uma vez, ela guiar-nos-á neste formoso jardim, enquanto procuramos os meios humanos de que o Senhor se serviu para a conduzir até ao Calvário.

A Santíssima Eucaristia

Foi sempre grande, desde os mais tenros anos, a devoção da Alexandrina à Santíssima Eucaristia. Ficou profundamente marcada pela Primeira Comunhão, como nos conta na Autobiografia. Gostava de estar junto do Sacrário, de tal modo que, desde muito nova, fazia diariamente a visita ao Santíssimo Sacramento.

Havia na paróquia de Balasar, como em muitas de Portugal, a *Associação das Marias dos Sacrários-Calvários*, da qual a Alexandrina foi também associada.

Como testemunha o segundo Director Espiritual, «Outra prova do amor que tinha pela Eucaristia é-nos dada pela sua inscrição na associação das «Marias do Sacrário» e na das «Lâmpadas Vivas», e também pelo seu interesse pela Cruzada Eucarística».²⁹

O Espírito Santo, para a santificação das pessoas, serve-se também dos meios humanos. Cremos que a Alexandrina encontrou nesta associação o sopro que avivou continuamente a chama de amor ao Sacrário, quer pelas leituras que fazia, quer pela inspiração que dava à sua vida.

Muitas pessoas do Minho recordam-se ainda de ouvir cantar nas igrejas o hino desta Associação:

Como o Discípulo amado
E as Marias junto à Cruz,
No Sacrário abandonado
Consolemos a Jesus.

Sacrário, prisão divina,
Onde escondido está Deus
Numa hóstia pequenina
Tão real como nos céus.

Os membros desta associação dedicavam-se à adoração e desagravo ao Santíssimo Sacramento, na igreja ou em casa, e à confecção de alfaias para o culto, ou arranjo das mesmas e asseio do altar.

²⁹ Ibid., p. 126.

Precisamente, na homilia em que lançou a ideia desta associação, o sacerdote dizia: «Jesus Cristo no Calvário, abandonado de Deus e dos homens pelos quais se imola, não terá muito de semelhança com o Jesus Cristo do sacrário abandonado, não de Deus, visto que lh’O impede o seu estado glorioso, mas dos homens, por quem se imola continuamente? Se alguma diferença existe é em desfavor da sua vida no sacrário. Ao menos no Calvário, havia algumas Marias que choravam e O consolavam. Mas nesses Sacrários de que vos falei, nem isso!»³⁰

Esta associação foi fundada em Huelva, Espanha, pelo Padre Manuel González García, mais tarde Bispo de Málaga e de Palência, em 4 de Março de 1910, primeira sexta-feira do mês, na capela do Sacrário de São Pedro, ao cair de tarde e teve rápida expansão também em Portugal.³¹

Da sua devoção à Santíssima Eucaristia se conta que, tendo acabado de ordenar 14 presbíteros, a metade dos quais sofreu o martírio durante a guerra civil espanhola (1936-1939), ao chegar à sacristia, ainda paramentado, ajoelhou-se aos pés de cada um deles e, chorando, beijou-lhes as mãos enquanto ia repetindo: «Tratai-m’O bem! Tratai-m’O bem!»

A este episódio alude S. Josemaria Escrivá, no seu livro *Caminho*, nº 531.

Deixou no seu testamento o desejo de que desejava ser sepultado voltado para o Sacrário.

Também a Alexandrina fez o mesmo pedido. Terá ouvido falar desta disposição testamentária nas reuniões, enquanto pôde assistir a elas? Pelo menos, foi desta fonte humana que, certamente, a bebeu, para crescer no amor à Santíssima Eucaristia.

Foi esta associação que lhe possibilitou a graça de lhe celebrarem a Santa Missa no quarto que foi o seu Calvário.

Seguia fervorosamente em espírito as Horas de Adoração que se estavam a celebrar na igreja paroquial; visitava em espírito os Sacrários continuamente, especialmente os mais abandonados.

Chegou a receber a sagrada Comunhão das mãos do próprio Senhor e dos Anjos.

Como é natural, a devoção ao *Anjo da Guarda* foi muito querida à Alexandrina: é devoção popular. Nas orações diárias da Serva de Deus, o Anjo da Guarda tinha o seu quinhão:

«Rezava diariamente... a oração ao Anjo da Guarda» (*Autobiografia*).

³⁰ JOSÉ LUIZ GUTIÉRREZ GARCIA, *Uma vida para a Eucaristia. Biografia de Dom Manuel González García, Bispo de Málaga*, trad. portuguesa da livraria A. I., Coleção Fundadores, nº 17, Braga, 1991., p. 124.

³¹ Id., *ibid.*

A Deolinda informou que a irmã tinha em grande estimação uma medalhinha do Anjo da Guarda que lhe fora oferecida. Mas não lhe tinha apego. Tanto assim que, um dia, como lha pedissem, deu-a.

Entre as «florinhas» do mês de Maio de 1935 pode ler-se a seguinte: «Por amor de Maria Santíssima e de Jesus Sacramentado, sofrerei tudo para ser muito amiga do meu Anjo da Guarda».

A partir de certa altura da vida da Alexandrina, os anjos tornaram-se-lhe familiares: vinham repô-la nas suas almofadas quando, após os combates com o demónio, ela se encontrava desfalecida, prestes a cair do leito; e muitas vezes lhe traziam a comunhão. O segundo director espiritual e a Deolinda ouviram-na, em êxtase, convidar os anjos a adorarem a Eucaristia entoando o cântico «Santos Anjos e Arcanjos ... ».

Nas últimas páginas dos apontamentos da professora Maria da Conceição Leite Proença, páginas que se referem aos derradeiros dias de vida da Serva de Deus, pode ler-se o seguinte: «Em 2 de Outubro a Alexandrina disse: «Hoje, dia dos Santos Anjos, senti que me tocaram num ombro e ouvi cantar anjos. Perguntei: — Quem cantará com os anjos? Nosso Senhor respondeu: — Tu, tu, tu. Em breve, em breve».

A Sr.^a D. Maria da Conceição Proença acrescenta, logo a seguir, esta nota: «Em duas sextas-feiras de Setembro, em que o Sr. Abade estava na Póvoa, a Alexandrina comungou da mão dos anjos. De uma vez, eram três, e da outra era uma revoada deles.»³²

Unida à devoção aos Anjos da Guarda e aos Anjos, em geral, estará também unido o acompanhamento dos Sacrários.

Na sequência do Amor à Santíssima Eucaristia, manifesta-se ainda o grande amor aos sacerdotes, por quem rezava e se sacrificava, pedindo às pessoas que a visitavam para que fizessem o mesmo. A alguns encorajou a retomar o caminho da entrega sacerdotal.

Tinha o costume de escrever pequenos pensamentos a que chamava «florinhas». Numa das mais antigas que ainda se guardam piedosamente, escreveu: «Por amor de Maria Santíssima e de Jesus Sacramentado, sofrerei tudo pelos sacerdotes» (*Autobiografia*). No diário de 27 de Abril de 1945, vem relatado um êxtase em que ela diz ao seu Jesus: «Deixai-me entrar com todos os sacerdotes para que aprendam do Vosso Divino Coração e se assemelhem a Vós!».

A primeira das fórmulas composta e usada pela Alexandrina para se oferecer como vítima termina assim: «Ó Jesus, eu quero ser vítima dos sacerdotes!»³³.

³² HUMBERTO PASQUALE, *Eis a Alexandrina*, pp. 132-133.

³³ Id., *ibid.*, p. 99.

Não escapou também ao seu zelo a oração pelas vocações sacerdotais e seminários.

«Também entre as «florinhas de Maio» se encontram muitas em que ela diz rezar e sofrer pelas vocações do seminário da sua diocese. A Deolinda e a professora Maria da Conceição Leite Proença referiram-me o nome de pelo menos quatro seminaristas auxiliados pela Alexandrina e contaram-me: «No seu quarto, em cima da mesinha de cabeceira, encontrava-se um mealheiro onde pessoas amigas, sabendo o gosto que lhe proporcionavam, deitavam as suas ofertas, que a Alexandrina destinava para as casas missionárias dos Padres Jesuítas. Chegou assim a enviar muitos contos de réis para as vocações».³⁴

São ainda conhecidos alguns casos de sacerdotes que mudaram de vida guiados pelo seu zelo.

O que havia de mais precioso na igreja paroquial em relação com a celebração e culto da Santíssima Eucaristia foi oferecido pela Alexandrina, utilizando os donativos que as pessoas lhe deixavam.

Como coroa desta loucura de Amor à Santíssima Eucaristia temos o facto de ela ter sido alimentada exclusivamente pela comunhão diária, durante os últimos treze anos da sua vida. É também sabido que o seu organismo não suportava qualquer alimento, além deste manjar divino.

Devoção a Nossa Senhora

A Alexandrina bebeu a devoção a Nossa Senhora com o leite materno. Quer no lar, quer no ambiente paroquial, tudo encaminhava as pessoas para este caminho seguro, desde a realização das festas marianas, a celebração do Mês de Maio e os cânticos em honra de Maria que ela tanto gostava de entoar, mesmo já no leito do sofrimento.

Não abrandou as diligências, enquanto não conseguiu para o seu quarto uma imagem de Nossa Senhora de Fátima, que encandorou num trono sempre revestido de flores.

Habituou-se, desde muito cedo, a tratá-l'A por *Mãezinha* e confiava-lhe filialmente os seus problemas.

A primeira das circunstâncias atrás mencionadas, descreve-a a Alexandrina do seguinte modo: «Todos os anos, no mês de Maio, fazia o mês da Mãezinha. Gostava muito de o fazer sozinha. Meditava, cantava, rezava e chorava, algumas vezes, ao mesmo tempo que pedia à Mãe do Céu que me libertasse da grande

³⁴ Id., *ibid.*, p. 99.

tribulação por que estava a passar... Principiei a pensar na maneira de arranjar uma imagem da Mãezinha que fosse só minha. Como não tinha dinheiro, várias pessoas ajudaram-me; uma amiga deu-me umas franguinhas que a minha irmã foi criando até porem ovinhos para, mais tarde, nascerem pintainhos. Assim fui arranjando a quantia precisa para a imagem, redoma, altarzinho, etc. Não sei descrever a consolação que senti ao ver que possuía, para sempre, a imagem da querida Mãezinha e que ficaria a contemplá-la dia e noite» (*Autobiografia*).

Embora, segundo parece, nunca tenha lido o *Tratado da Verdadeira Devoção a Nossa Senhora*, de S. Luís Maria Grignon e Monforte, a verdade é que, segundo o testemunho do P. Humberto Pasquale, ela vivia esta espiritualidade.

«Não obstante os seus reduzidos conhecimentos, a Alexandrina viveu integralmente o espírito de escravidão mariana explicado e difundido por Luís Grignon de Monfort.»³⁵

O seu nome está indissolúvelmente ligado à Consagração do mundo ao Imaculado Coração de Maria.

As suas cartas chegaram às mãos de Pio XII. Como consequência, o Santo Ofício — assim se chamava a Congregação para a Doutrina da Fé — mandou, por duas vezes, que fosse visitada e examinada, nobre missão que foi confiada ao sacerdote da Companhia de Jesus P. António Durão.

Eis alguns dados para este histórico acontecimento:

«Numa carta que, em 1 de Agosto de 1935, ela escreveu ao seu primeiro director, lê-se: «No dia 30, depois da Sagrada Comunhão, sentia-me muito bem com Nosso Senhor, sentia grande união com Ele. Passados alguns momentos, ouvi que Ele me chamava: — Minha filha,... assim como pedi a Santa Margarida Maria para ser o mundo consagrado ao Meu Divino Coração, assim o peço a ti, para que seja consagrado a Ela (Nossa Senhora) com uma festa solene».

«Após diligente e aturado estudo, o Rev. P. Pinho decidiu-se a escrever ao Cardeal Pacelli, em 11 de Setembro de 1936, acerca do pedido da consagração do mundo ao Coração Imaculado de Maria. Entretanto, por esta consagração a Alexandrina oferecera-se como vítima disposta a todos os sofrimentos.»

«Para falar da Virgem, a Alexandrina empregava palavras de fogo, títulos os mais belos e variados, e sempre as suas frases são rigorosamente ortodoxas.»

«Só podemos agradecer à Mãezinha se formos puros de alma e corpo. Façamos do nosso corpo um sacrário e do nosso coração um vaso sagrado no qual Jesus possa sempre habitar» (*Pensamentos Soltos*).

³⁵ Id., *ibid.*, p. 143.

«Ave Maria, cheia de graça! Eu Vos saúdo, ó cheia de graça! Ó Mãezinha, eu quero ser santa! Ó Mãezinha, abençoai-me e pedi a Jesus que me abençoe». E consagrava-me a Ela assim: «Mãezinha, eu Vos consagro os meus olhos, meus ouvidos, minha boca, meu coração; a minha alma, a minha virgindade, a minha pureza, a minha castidade... Aceitai, Mãezinha, é Vossa. Sois Vós o cofre sagrado, cofre bendito da nossa riqueza. Consagro-Vos o meu presente e o meu futuro, a minha vida e a minha morte, tudo quanto me derem a mim, rezarem por mim e oferecerem por mim. Ó Mãezinha, abri-me os Vossos santíssimos braços, tomai-me sobre eles, estreitai-me ao Vosso Santíssimo Coração, cobri-me com o Vosso santo manto, e aceitai-me como Vossa filha muito amada, muito querida, e consagrai-me toda a Jesus. Fechai-me para sempre em Seu Divino Coração e dizei-Lhe que O ajudais a crucificar-me, para que não fique no meu corpo nem na minha alma nada por crucificar. Ó Mãezinha, fazei-me humilde, obediente, pura, casta na alma e no corpo. Fazei-me pura, fazei-me um anjo, transformai-me toda em amor, consumi-me toda nas chamas de amor a Jesus» (*Autobiografia*).

«Um. pouco mais adiantados no conhecimento da Serva de Deus, somos forçados a concluir que ela sempre viu e considerou Nossa Senhora como *Mãe*, e Mãe de quem se sentia realmente filha e, como tal, com Ela convivia. Teve-A sempre como *mestra* de quem esperava e a quem pedia conselho; como *modelo* que se esforçava por imitar; como *senhora* e *rainha* a quem se oferecia constantemente como escrava; como medianeira — não somente no sentido de *advogada* das graças de Deus mas também de caminho para ir até Jesus e valorizadora das suas acções.»

«No seu quartinho sempre conservou, emoldurado, o diploma de inscrição na Associação das Filhas de Maria, que tem a data de 18 de Outubro de 1933. Nas últimas disposições, ditadas no ano de 1942, ano em que se agravou súbitamente o seu mal, a Alexandrina declarou que, quando morresse, queria ir amortalhada no vestido branco de Filha de Maria, e que sobre a sua campa se colocasse uma estátua de Nossa Senhora.»³⁶

Os pecadores

A Alexandrina viveu dominada pela compaixão dos pecadores, por causa da ofensa com que feriam o coração divino e pelo enorme risco de perdição eterna em que se encontravam. Escreveu em 8 de Julho de 1948, «Se, para sal-

³⁶ Id., *ibid.*, pp 136, 137, 139, 140, 141, 303.

var uma alma, eu tivesse de estar a vida inteira num mar de gelo ou de fogo, com que alegria me submeteria a tudo somente para consolação e alegria do meu Jesus! Salvar uma alma que Lhe custou o Seu divino sangue!... Que maior alegria Lhe podemos dar?»³⁷

Testemunhou o segundo Director Espiritual: «É aqui que encontramos a prova e a trajectória mais heróica da sua fortaleza, uma prova muito rara na vida dos santos: o seu arrojado pedido de novos martírios, tanta vez repetido a Deus, com a disposição de ficar até ao fim do mundo às portas do inferno, no meio das mais cruciantes dores, para impedir a perdição das almas.»

Já em 11 de Setembro de 1938, ela escrevia: «Ó meu Jesus, eu quero sofrer tudo, tudo... Quero ser esmagada por Vós. Sou a Vossa vítima... Mas não castigueis o mundo... Quero ser o pára-raios.»³⁸

Um caso de conversão em Balasar. «Duas testemunhas, D. Ana de Azevedo e seu marido, contaram-me o caso que passo a expor para provar a minha afirmação: «Certo dia, vinha eu a subir, na companhia de meu marido, a estrada que passa em frente da casa da Alexandrina, e, quando ainda estávamos longe, vimos sair do portão um senhor aparentando uns 50 anos, de lenço na mão a enxugar frequentemente os olhos. E notava-se nele uma grande comoção. Vimo-lo encaminhar-se por um carreiro ao lado da casa como quem procura um lugar solitário. Quando chegámos à altura desse carreiro, o dito senhor voltava devagarinho e sempre muito comovido. Fingíamos passar por ele sem dar conta da :sua comoção, quando ele, dirigindo-se a mim, me pediu para lhe arranjar um copo de água. Perguntei-lhe se se sentia mal, e ele explicou: — Vou-lhes ser franco. Estou muito desgostoso com a minha vida passada! Fui à igreja apenas quando casei; depois nunca mais quis saber da Igreja. Vim por aqui porque não tenho fé nem com padres, nem com santos... que sempre, considerei bocados de madeira... Mas hoje falei com uma santa verdadeira! Descobriu-me toda a minha vida! Agora conheço o que sou!... Nunca mais serei o que tenho sido!

— Santa ela é! — disse-lhe eu.

E ele confirmou: — Eu que o diga!».³⁹

O seu epitáfio. Com o desejo de legar uma mensagem a quantos visitassem a sua campa, escreveu o seguinte epitáfio: «Para a minha campa: Pecadores, se as cinzas do meu corpo podem ser-vos úteis para vos salvar, aproximai-vos,

³⁷ *Diário Autógrafo.* cit. por HUMBERTO PASQUALE, *Eis a Alexandrina*, p 127.

³⁸ Humberto PASQUALE, *Eis a Alexandrina*, p 326.

³⁹ Id., *ibid.*, pp 325-326.

passai sobre elas, calcai-as até que desapareçam, mas não pequeis mais, não ofendais mais o nosso Jesus!

Pecadores, tantas coisas quereria dizer-Vos! Não me chegaria este grande cemitério para escrevê-las todas.

Convertei-vos! Não ofendais a Jesus, não queirais perdê-Lo eternamente! Ele é tão bom!

Basta de pecar!

Amai-O! Amai-O!»⁴⁰

Conclusão

A compaixão e o desagravo pelos pecadores — tão em destaque na vida da Beata Alexandrina de Balasar situa-se na linha da exaltação da misericórdia divina.

Encontramos na história da Igreja uma corrente invisível de espiritualidade que, a partir de uma determinada época, é repetida por pessoas em diversas latitudes, sem qualquer comunicação humana entre si. A ideia é sempre a mesma: a misericórdia divina está disponível para todos nós. A maior alegria de Deus é perdoar.

Encontra aqui remédio o homem dos nossos dias, perdido na floresta dos pecados do mundo e assutado com a sua própria maldade.

Maria Faustina Kowalska (1905-1938), cujo *Diário* está traduzido e editado em português pelos Padres Marianos, foi canonizada em 30 de Abril do último Ano Santo (2000). Logo naquele mesmo dia, o Santo Padre anunciou ao mundo que, de aí em diante, o 2º Domingo de Páscoa seria conhecido, na Igreja universal, como o Domingo da Misericórdia Divina.

É dado, assim, um passo importante na longa caminhada para descoberta da Divina Misericórdia, desde finais do século XIX. Esta verdade mergulha as suas raízes na Sagrada Escritura e da Tradição e não podemos desligar o seu itinerário da evolução progressiva da devoção ao Sagrado Coração de Jesus, vivida desde o século XII ao XIX.

Santa Teresa de Lisieux (1873-1897) tornou mais fácil e directa a descoberta deste caminho, quando os seus escritos, sobretudo a *História de uma Alma*, começaram a ser divulgados. Na verdade, que pede uma criança aos seus pais? Nada tem de seu, necessita de tudo e confia inteiramente neles.

Uma pobre humanidade em contínua agitação, insegura, ameaçada por guerras e revoluções por toda a parte, sentia instintivamente a necessidade desta confiança incondicional em Deus.

⁴⁰ Na sepultura da igreja paroquial de Balasar. Cfr. Id., *ibid.*, pp 192-193.

Será necessário ainda evocar cinco figuras cuja espiritualidade nos dirige por este caminho: a italiana Benigna Consolata (1885-1916), Visitandina de Como, e falecida durante a primeira Guerra Mundial; a francesa Maria Teresa Desandais (1876-1943), filha única, decidida, desde os nove anos, a ser religiosa; os Pastorinhos de Fátima; a polaca Santa Maria Faustina Kowalska. Todas morreram com fama de santidade, todas se julgaram portadoras da mensagem sobre a Misericórdia Divina e as três primeiras deixaram uma herança escrita que se difundiu na Europa entre a Primeira e a Segunda Grande Guerra. Benigna sente-se chamada a difundir a Misericórdia de Deus para regenerar o mundo. Deixou escrito: «Os homens esforçam-se, mas o único remédio para curar a sociedade somente o não-de encontrar no Meu Divino Coração».

A obra de amor de que Deus lhe fala consiste, em primeiro lugar, em que os homens conheçam o amor que Deus lhes tem. «Os homens são meus irmãos, meus irmãozinhos». «Escreve, minha Benigna, apóstola da Minha Misericórdia, escreve que a principal coisa que desejo que se saiba é que Eu sou todo Amor e que a maior pena que se poderia fazer ao Meu Coração é duvidar da Minha Bondade».

Santa Faustina recebeu a missão de dedicar todos os momentos a escrever sobre a Misericórdia Divina.

A Irmã Lúcia de Jesus, escrevendo as seis Memórias sobre as Aparições de Fátima, dá-nos conta da mensagem gravada pelo Espírito Santo no coração dos primos Jacinta e Francisco. Aquela sente-se especialmente compadecida dos pecadores que não sabem aproveitar a riqueza desta misericórdia. O Francisco sente-se mais inclinado a fazer companhia ao Deus escondido no Sacrário.

À luz do *caminho de infância* de Teresa de Lisieux e dos escritos destas três religiosas místicas, vislumbramos o que o Senhor quer de nós.

Como flor de rara beleza no meio deste conjunto de santos, apontando também no sentido da Divina Misericórdia, surge a Beata Alexandrina de Balasar, em que o Senhor chama poderosamente a nossa atenção, com vários prodígios na sua vida: vivência da Paixão, todas as sextas-feiras durante vários anos, e alimentada durante treze anos exclusivamente pela Sagrada Comunhão.

Todas estas maravilhas encontram um eco profundo no Concílio Vaticano II, quando nos recorda que é necessário redescobrir a riqueza do Baptismo, na qual ocupa lugar de destaque a nossa filiação divina, em que deixa explicação para a Divina Misericórdia: Deus ama-nos, porque é o nosso Pai. A Sua maior alegria é perdoar os nossos pecados. Mas pede a nossa colaboração, às vezes em grau heróico, como no caso da Alexandrina.

Balasar enquadra-se neste contexto. É uma proclamação vibrante da misericórdia de Deus, cujo expoente máximo se manifesta na Eucaristia.

Um recurso convicto à mediação de Nossa Senhora, refúgio dos pecadores, Mãe e medianeira de todos nós.

Um grito de solidariedade em favor dos pecadores, numa época em que as pessoas parecem ter adormecido para as grandes realidades da nossa fé.

Assim, Fátima e Balasar; Santa Faustina, Benigna Consolata e a francesa Maria Teresa Desandais, todas apontam na mesma direcção: Somos filhos de Deus, inteiramente confiados na Sua Misericórdia.

Termino com as palavras do Apóstolo S. João. na Primeira Carta: *«Considerai com que amor nos amou o Pai, para que sejamos chamados filhos de Deus. E nós o somos de facto. Por isso, o mundo não nos conhece, porque não O conheceu. Caríssimos, desde agora somos filhos de Deus, mas não se manifestou ainda o que havemos de ser. Sabemos que quando isto se manifestar, seremos semelhantes a Deus, porquanto o veremos como Ele é.»*⁴¹

Santa Eulália de Balasar, 22 de Outubro — solenidade de S. Martinho de Dume — de 2005.

⁴¹ I Jo 3, 1-2.